

QUANDO A MORTE VEM DO MAR: MEDOS E MONSTROS NA ATENAS DO PERÍODO CLÁSSICO

Ana Livia Bomfim Vieira *

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o imaginário negativo em relação ao mar. Mundo estranho ao ser humano, desconhecido, selvagem e imprevisível provocava o sentimento de medo. O encontro com forças monstruosas poderia significar a morte e a falta de honras fúnebres.. Os dois casos aterrorizavam os atenienses do período clássico, mesmo aqueles a quem chamávamos de “gente do mar”.

Palavras-chave: mar; monstros; imaginário; Atenas.

Sabemos que o mar para os atenienses significava uma via para o comércio, um caminho para as conquistas e o espaço de atuação da marinha ateniense¹. Tinha o papel de nutrir, de garantir a soberania concretizando seus planos de expansão e de proteger, transformando-se em um campo de batalha.

Sabemos também, hoje, que, apesar de os atenienses do período clássico terem sido navegadores, eles não foram desde sempre. A relação dos atenienses com o mar foi construída (JACQUEMIN, 1999, p.223). E assim o foi através de muitos infortúnios e desastres. A diferença nítida entre um navio de guerra, feito para o combate, e um navio mercante precisou de tempo para se concretizar. Eles se fizeram homens do mar². Mas essa passagem, para que pudesse conhecer o auge – que foi o que aconteceu, haja vista a marinha ateniense e seu papel na história desta *pólis* – não foi fácil, pois obrigou esses homens, de agricultores e pastores que eram, a enfrentar o desconhecido e o medo advindo da exploração de um território tão inóspito e estrangeiro quanto fascinante e belo. O elemento líquido, símbolo da vida marinha, significa também a morte àquele que lhe é estranho.

* Professora adjunta da Universidade Estadual do Maranhão (Uema).

Desde Homero que o mar é o lugar dos heróis, o percurso a ser desbravado com coragem, astúcia e ajuda dos deuses. Entretanto, isso não quer dizer que o medo não estivesse presente. Os gregos sabiam o que um naufrágio representava. Ulysses já temia as tempestades e as mudanças que elas traziam para a cor das águas. Mesmo que o mar tenha estado sempre próximo – afinal, era fácil não perder as costas de vista, sobretudo na região do Egeu –, ele permanecia um elemento ambivalente, portanto, perigoso.

E, mesmo para esse período, a expressão “homens do mar” não traz atrelada a si a sensação de familiaridade com esse mundo inóspito. O mar provoca medo, desconfiança e angústia, e é um espaço associado muito mais a coisas ruins do que um meio de caráter positivo.

Esse imaginário negativo acionava o medo constante de morrer no mar, vivido por aqueles que, de alguma forma, dele dependiam. E esse medo, sem sombra de dúvida, ligava-se, em parte, às criaturas monstruosas que tinham no mar seu refúgio e esconderijo.

Desde muito tempo, os gregos acreditavam na existência de monstros marinhos. O mar é infestado de seres que têm responsabilidade de nutrir as águas – leia-se: nutrir os deuses marinhos. E isso era feito através do ataque, morte, destruição de barcos e homens. O mar era um mundo selvagem, oposto ao nosso. Um meio hostil, onde o homem não poderia sobreviver. É como que um mundo complementar, mas contrário, onde, necessariamente, habitavam seres de outro mundo. Divinos, sim. Mas, antes de tudo, monstruosos e assustadores. Escolhemos os casos de Cila e das sirenes.

No stamnos ático de figuras vermelhas que se segue, o pintor representou uma cena da Odisseia, onde Ulisses é tentado pelas sirenes.

FIGURA 1



Stamnos ático de figuras vermelhas. Beazley Archive, Museu Britânico nº 440, ARV 177, c. 480-50 c. C.

Tentadoras, porém (ou, talvez, por isso mesmo) perigosas, eram as sirenes. No vaso (figura 1), são representadas sirenes possuindo uma cabeça de mulher em um corpo de pássaro. Uma delas sobrevoa a embarcação, enquanto as outras duas observam a cena, à esquerda e à direita do vaso, sobre promontórios³. Podemos observar, também, um homem, lido como Ulisses, amarrado ao mastro do barco. O mar representado sem ondas, apenas ondulante, refere-se provavelmente à calmaria que antecederia o ataque desses seres. Era bem conhecida a história de Ulisses e, com certeza, o seu encontro com eles.

As sirenes eram portadoras de um canto que seduzia os ouvidos humanos; daí, a necessidade de Ulisses pedir aos seus homens para ser amarrado. Entre outras lendas, elas eram tidas originalmente como ninfas fluviais,⁴ com quem compartilham o dom do canto harmonioso e a filiação de Achélaus⁵. Entretanto, a imagem das sereias é ela também composta de uma ambiguidade perigosa: sedução irresistível seguida de morte cruel.

Para os gregos, essas potências estavam localizadas sobre a costa italiana, mais precisamente à entrada do estreito da Sicília, passagem tida como especialmente perigosa pelos navegadores. E é lá que Ulisses encontra as sereias e quase encontra a morte (HOMERO. **Odisseia** XII, 39; 158)⁶. As ossadas dos homens mortos que jazem sobre os rochedos onde elas esperam,

sinalizam a relação das sereias com as seduções perigosas do mar, com os perigos escondidos e com a beleza e harmonia aparentes, dissimulando naufrágios e mortes.

Os seres marinhos ditos malfazejos, normalmente não agiam com tanta sedução como no caso das sirenes. Na sua grande maioria, esses monstros eram tão aterrorizantes e impiedosos quanto as criaturas marinhas poderiam ser. Esse era o caso, por exemplo, de Cila.

Podemos observar a representação de Cila que aparece nesta cratera de figuras vermelhas:

FIGURA 2



Cratera em figuras vermelhas, 450-25 a.C.

Cila⁷ era um monstro marinho descrito por Homero como tendo seis cabeças, habitando, como as sereias, o perigoso estreito da Sicília. De uma caverna ela surge para devorar os navegadores que têm a coragem de passar por lá. Como podemos observar na figura 2, esse ser não é representado com as seis cabeças. Talvez se refira a uma outra tradição, que coloca Cila como tendo sido uma linda mulher, enfeitiçada por Circe. Cila, em versões posteriores, notadamente de Ovídio (OVÍDIO. *Metamorfoses* XIV, vv.1-74), possui esse aspecto monstruoso por uma vingança da feiticeira. Cila era uma bela ninfa

virgem (VIRGÍLIO. **Enéidas** III, 426) que permanecia insensível ao amor que Glauco⁸ lhe confessava. Ele recorre, então, a Circe que, sendo feiticeira e apaixonada por Glauco, e estando enciumada do seu amor por Cila, envenena as águas onde a ninfa tinha o hábito de se banhar. Cila é transformada, assim, no mostro marinho que aterroriza os navegantes e que vai destruir o navio de Ulisses junto com seus homens. O herói de Ítaca era amante de Circe.

Na imagem (figura 2), a personagem feminina – presença de seios – guarda seu dorso humano, referência ao passado, talvez. Ulisses perde seis de seus companheiros – capturados, pescados literalmente (HOMERO. **Odisseia** XII, v.73)⁹ e devorados por essa potência. Ela representa o mar furioso que, sem falsas seduções e enganos, atira os navios como brinquedos sobre os rochedos. Cila é o selvagem completo. O horror que devora e destrói. Ela personifica a face aterrorizante do mar.

Esses mitos, apenas dois exemplos de várias entidades marinhas e perigosas, pairavam no imaginário coletivo dos atenienses, transformando o mar em um espaço assustador. Sair para o mar significava estar à mercê do encontro com potências horríveis. Mesmo que imaginemos que os gregos não acreditavam de todo nesses personagens, a personificação de lugares e características marítimas na forma de monstros nos indica o quanto esses homens associavam o mar a um lugar perigoso e malfazejo. Encontrar-se com esses monstros representava o encontro com a fúria das águas, das tempestades. O silêncio e calmaria do mar não significava, nunca, segurança. Nada no mar era exato e esperado. Tudo é ambivalente, inesperado, desconhecido, misterioso. Deparar-se com esses personagens (ou com os perigos do mar) poderia trazer a morte. E a morte em alto mar é, por vezes, o desaparecimento. Morrer no mar, devorado pelas sirenes ou por Cila, era jamais ser encontrado, jamais ser reconhecido. Significava não receber as honras devidas. E nós sabemos o que denotava para os gregos não ser devidamente sepultado.

Para quem morre no mar nessas circunstâncias, seu túmulo seria um ambiente úmido (feminino, ao contrário do seco – masculino), habitado por monstros. Um lugar solitário, pois é a alteridade completa. E mesmo se o corpo pudesse ser encontrado, em que estado não se encontraria? Lembremos que o mar é cheio de seres que se devoram uns aos outros e aos homens (HOMERO. **Odisseia** V, 420-421; HERÓDOTO. **História** I, 34, 202). Um cadáver devorado, deformado, irreconhecível, por vezes, também era um peso para o imaginário coletivo.

Grynée, o velho pescador, cujo pobre barco, os anzóis e as redes sustentavam sua vida dura, foi surpreendido por uma violenta tempestade e engolido pelas ondas. No dia seguinte, o mar rejeitou seu cadáver, mutilado e sem as mãos. Quem poderia negar a inteligência dos peixes, depois disso, já que não devoraram que as mãos, os instrumentos de morte para eles? (ANTOLOGIA PALATINA, 294)

A morte do pescador citado nesse epigrama funerário serviu para demonstrar esses aspectos do mar. Mesmo um homem experiente, que vivia do mar, poderia ser pego de surpresa por uma mudança climática em alto mar. Tudo muda muito rápido e sem aviso no meio marinho. Além disso, seu corpo “rejeitado” pelo mar demonstrava ser ele um ser estranho ao meio, mesmo dele tendo vivido toda a sua vida. Seu corpo mutilado e sem as mãos, além de demonstrar a ferocidade e selvageria das criaturas marinhas, poderia transformá-lo em um “sem nome”. Além do mais, sabemos que esse imaginário negativo contaminava aqueles que viviam do/no mar (VIEIRA, 2005; CORVISIER, 2008, p.352-54). Triste fim para aquele que dedicou sua vida ao trabalho no mar.

Podemos observar, portanto, que o mar representava majoritariamente o perigo de morte, pois encerrava em si mistérios e descontinuidades lidas pela cultura ateniense como ameaçadoras. Essas ameaças eram personificadas nas figuras de monstros e divindades aterrorizantes que, conhecidas e reproduzidas através das gerações pelo canto dos mitos, reforçavam um imaginário de medo e selvageria em relação ao mar.

QUAND LA MORT VIENT DE LA MER: LES PEURS ET LES MONSTRES DANS L'ATHÈNES DU PÉRIODE CLASSIQUE

Résumé: Ce travail vise à réfléchir sur l'imaginaire négative liée à la mer. monde étrange à l'homme, inconnu, sauvage et imprévisible provoquait de la peur. La rencontre avec les forces monstrueuses pourrait signifier la mort et l'absence de funérailles. Les deux cas ont terrorisé les Athéniens de l'époque classique, même ceux que nous appelons les «gens de la mer».

Mots-clés: la mer; monstres; imaginaire; Athènes.

Documentação escrita

- APOLÔNIO DE RODES. **Argonautiques**. Paris: Les Belles Lettres, Tomo III, Livro IV, 2002.
- HERÓDOTO. **Histoires**. Paris: Les Belles Lettres, 1963.
- HESÍODO. **Théogonie**. Paris: Les Belles Lettres, 1928.
- OVÍDIO. **Les Métamorphoses**. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- PAUSANIAS. **Description de la Grèce**. Paris: Les Belles Lettres, 1998, 2000.
- PLATÃO. **La République**. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- _____. **The Laws**. London: William Heinemann, 2 v., 1984.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. Campinas: Ateliê Editorial – Unicamp, 2005.
- WALTZ, P. (trad.). **Anthologie Palatine**. (tomo I a IV). Paris: Les Belles Lettres, 1931.

Referências bibliográficas

- BLOCH, R. Les dieux de la mer dans l'antiquité classique. *In: L'Homme méditerranéen et la mer*. Jerba: Actes du troisième congrès international d'études des cultures de Méditerranée occidentale, 1981.
- _____. Quelques remarques sur Poseidon, Neptune et Nethunus. *In: BLOCH, R. (Org.) D'Héraklès à Poseidon*. Mythologie et protohistoire. Paris: Librairie Champion, 1985, p.125-39.
- BRIQUEL, D. Vieux de la mer grecs et descendant des eaux indo-européen. *In: BLOCH, R. (Org.) D'Héraklès à Poseidon*. Mythologie et protohistoire. Paris: Librairie Champion, 1985.
- CORSANO, M. *Glaukos*. **Miti greci di personaggi omonimi**. Roma: Ateneo, 1992.
- DEFORGE, B. Le destin de Glaucos ou l'immortalité par les plantes. *In: JOUAN, F. (Ed.) Visages du destin dans les mythologies*. Mélanges Jacqueline Duchemin. (Actes du colloque de Chantilly, 1-2 mai). Paris: Les Belles lettres, _____.
- _____. **Eschyle, Poète cosmique**. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- DE WITE, J. Le dieu marin Glaucus. **Révue Archéologique**. Paris, 2^a parte, 1975.
- JACQUEMIN, A. La marine. *In: PROST, F. (Org.) Armées et sociétés de la Grèce classique*. Aspects sociaux et politiques de la guerre aux Vème et IVème siècles av. J.-C. Paris: Éditions Errance, 1999.

JEANMAIRE, H. **Couroi et courètes**. Essai sur l'éducation spartiate et sur les rites d'adolescence dans l'antiquité hellénique. Lille: Bibliothèque Universitaire, 1939.

PALADINO, I. Glaukos, o l'inelittabilità della morte. **Studi e materiali di storia delle religioni**, v.II, n.2, 1978.

RUDHARDT, J. **Le thème de l'eau primordiale dans la mythologie grecque**. Berne: Librairie Droz, 1971.

_____. **Du mythe, de la religion grecque et de la compréhension d'autrui**. Genève: Librairie Droz, 1981.

SÉCHAN, L. Légendes grecques de la mer. In: **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**. Supplément Lettres d'Humanité, tomo XIV. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

VAN DEN BRUWAENE, M. La mythologie de Glaucus dans l'ode I, 7 d'Horace. In: **Hommages à Joseph Bidez et à Franz Cumont**. Bruxelles: Latomus, 1949, p.339-46.

VIDAL-NAQUET, P. Bêtes, hommes et dieux chez les Grecs. In: POLIAKOV, L. (Org.) **Hommes et bêtes**. Entretiens sur le racisme. Paris: La Haye, 1975, p.129-42.

VIAN, F. Les géants de la mer. **Revue Archéologique**, Paris, tomo XXI, p.97-117, 1944.

VINET, E. Recherches et conjectures sur le mythe de Glaucus et de Scylla. **Annali dell'Istituto di corrispondenza archeologica**, Roma, Tomo XV, 1843.

WILLETTS, R. F. The myth of Glaukos and the Cycle of Birth and Death. **KLIO**, Berlim, v.37, 1959.

Notas

¹ PANAGOS, Christos TH. **Le Pirée. Étude Économique et Historique depuis les Temps Anciens jusqu'à la Fin de L'Empire Roman**. Atenas: Ed. Kauffmann, 1997, p.52. Segundo o que sabemos, os gregos haviam perdido o termo indo-europeu para „mar“. Eles se referiam ao mar como „o salgado“ alj, Qalatta, vocábulo de etimologia desconhecida, ou ainda pelagoj, que proclama uma grande extensão, uma larga superfície. HUMBERT, J. **Hymnes homériques**, p. 217; cf. SÉCHAN, Louis. Légendes grecques de la mer. **Bulletin de l'association Guillaume Budé**. Supplément lettres d'humanité. Paris: tomo XIV, 1955. VÉRISSALOPOULOS, Julie. **Les nauclères grecs. Recherche sur les institutions maritimes en Grèce et**

dans l'orient hellénisé. Paris: Librairie Mènard, 1980. Esses comerciantes só vão aparecer na documentação por volta do fim do VI século a.C., embora Hesíodo indique a existência desses homens; HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**, vv. 618-641, 664-678, 678-682.

² BODSON, Liliane. **Hiera Zoia.** Contribution à l'étude de la place de l'animal dans la religion grecque ancienne. 1975, p. 47; JARDÉ, Pierre. **La formation du peuple grec.** 1923, p.65-9.

³ Homero menciona a existência de apenas duas, mas a tradição conta o número de três. OVÍDIO. **Metamorfoses**, 5.551.

⁴ Ninfas do elemento líquido: oceanides (povoam os oceanos), nereidas (povoam os mares), naiades (povoam rios, cascatas, riachos, fontes, etc.).

⁵ Rio de Epire: era considerado o mais antigo rio da Grécia. O mito fala que Ache-laus era filho de Oceano e Tétis, e amante de Djanira, que estava prometida a ele. Entretanto, Hércules, também amoroso, entra em disputa e sai vitorioso.

⁶ “Todo navegador que se aproxima, esquece, a escutar suas vozes, sua pátria, sua esposa e os filhos que o esperam de retorno.”

⁷ “Aquele que estraçalha”.

⁸ Ele também uma divindade marinha malfazeja. Um pescador transformado em imortal, mas com um aspecto animalesco.

⁹ *Arcadas triplas de dentes, numerosos e apertados, preenchem suas bocas, estada da sombria morte. Seu corpo está até a cintura dentro do abismo; ela deixou que saíssem apenas suas cabeças, e, mergulhando em torno do rochedo, ela pesca golfinhos, cachorros do mar e aqueles que ela consegue capturar entre os monstros enormes alimentados pela ruidosa Amfitrite. Quais marinheiros poderiam se vangloriar de ter passado por sua gruta são e salvos com um navio? Cada uma das suas cabeças pega violentamente e estraçalha um homem dos bancos do navio.*